



A Santa Sé

LITURGIA PENITENCIAL COM O CLERO DA DIOCESE DE ROMA

MEDITAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

*Basílica de São João de Latrão
Quinta-feira, 27 de fevereiro de 2020*

*Texto preparado pelo Papa Francisco para os sacerdotes de Roma
lido pelo cardeal vigário, Angelo De Donatis*

As amarguras na vida do sacerdote

Uma reflexão ad intra

Não desejo refletir apenas sobre as tribulações que surgem da missão do presbítero: estas são coisas muito conhecidas e já amplamente diagnosticadas. Gostaria de vos falar, nesta ocasião, de um inimigo subtil que encontra muitas maneiras de se disfarçar e esconder e de como um parasita nos rouba lentamente a alegria da vocação para a qual um dia fomos chamados. Quero falar-vos desta amargura centrada na relação com a fé, com o bispo, com os irmãos. Sabemos que podem existir outras raízes e situações. Mas estas resumem muitos encontros que já tive com alguns de vós.

Aponto imediatamente duas coisas: a primeira, que estas linhas são o resultado da escuta de alguns seminaristas e sacerdotes de diferentes dioceses italianas e não podem ou não devem referir-se a nenhuma situação específica. A segunda: que a maioria dos sacerdotes que conheço são felizes com as suas vidas e consideram essas amarguras como parte de uma vida normal, sem dramas. Preferi realçar o que ouvi em vez de expressar a minha opinião sobre o assunto.

Olhar para o rosto das nossas amarguras e enfrentá-la permite que entremos em contacto com a nossa humanidade, com a nossa abençoada humanidade. E assim lembra-nos que, como sacerdotes, não somos chamados a ser onnipotentes, mas homens pecadores perdoados e enviados. Como dizia Santo Ireneu de Lião: «o que não é assumido não é redimido». Que estas “amarguras” nos mostrem também o caminho para uma maior adoração do Pai e nos ajudem a experimentar de novo a força da sua unção misericordiosa (cf. *Lc* 15, 11-32). Usando as palavras do salmista: «converteste o meu pranto em festa, tiraste-me o luto e vestiste-me de júbilo. Por isso o meu coração te cantará sem cessar» (*Sal* 30, 12-13).

Primeira causa de amargura: problemas com a fé.

«Nós esperávamos que fosse Ele», confidenciaram os discípulos de Emaús uns aos outros (cf. *Lc* 24, 21). Uma esperança desiludida está na raiz da sua amargura. Mas devemos refletir: foi o Senhor que nos decepcionou ou trocamos a esperança pelas nossas expectativas? A esperança cristã não desilude e não falha. Ter esperança não é convencer-se de que as coisas vão melhorar, mas que tudo o que acontece faz sentido à luz da Páscoa. Mas para esperar de maneira cristã é necessário — como Santo Agostinho ensinou a Proba — viver uma vida de oração substancial. É assim que se aprende a distinguir entre expectativas e esperanças.

Agora, o relacionamento com Deus — mais do que decepções pastorais — pode ser uma causa profunda de amargura. Às vezes, quase parece que Ele não corresponde às expectativas de uma vida plena e abundante que tivemos no dia da ordenação. Às vezes uma adolescência inacabada não te ajuda a passar dos sonhos para a *spes*. Talvez como sacerdotes sejamos demasiado “bonzinhos” na nossa relação com Deus e não ousamos protestar na oração, como o salmista faz muitas vezes — não só por nós, mas também pelo nosso povo; porque o pastor também carrega as amarguras do seu povo — mas os salmos também foram “censurados” e quase nunca fazemos nossa uma espiritualidade de protesto. Então caímos no cinismo: infelizes e um pouco frustrados. O verdadeiro protesto — do adulto — não é contra Deus, mas diante dele, porque nasce precisamente da confiança n’Ele: o orante recorda ao Pai quem Ele é e o que é digno do Seu nome. Devemos santificar o seu nome, mas às vezes os discípulos têm de acordar o Senhor e dizer-lhe: «não te importas que pereçamos?» (*Mc* 4, 35-41). Então o Senhor quer envolver-nos directamente no Seu reino. Não como espectadores, mas participando ativamente.

Qual é a diferença entre a expectativa e a esperança? A expectativa nasce quando passamos a vida a salvar a nossa vida: andamos atarefados à procura de segurança, recompensas, promoções... Quando recebemos o que queremos quase sentimos que nunca morreremos, que será sempre assim! Porque o ponto de referência somos nós. Ao contrário, a esperança é algo que nasce no coração quando decidimos deixar de nos defender. Quando reconheço as minhas limitações, e que nem tudo começa e nem acaba comigo, então reconheço a importância de ter confiança. Theatine Lorenzo Scupoli já ensinava isto no seu *Combate Espiritual*: a chave de tudo consiste num movimento duplo e simultâneo: desconfiar de si mesmo, confiar em Deus. Espero

que não aconteça quando for tarde de mais, mas quando deixo de fazer algo só para mim. A esperança repousa sobre uma aliança: Deus falou-me e prometeu-me no dia da minha ordenação que a minha será uma vida plena, com a plenitude e o sabor das Bem-aventuranças; certamente atribulada — como a de todos os homens — mas bela. A minha vida é boa se eu fizer a Páscoa, não se as coisas correrem à minha maneira.

E aqui entendemos outra coisa: não basta apenas ouvir a história para entender estes processos. Devemos escutar a história e a nossa vida à luz da Palavra de Deus. Os discípulos de Emaús superaram a sua decepção quando o Ressuscitado abriu as suas mentes para a inteligência das Escrituras. Pois bem: as coisas correrão melhor não só porque mudaremos os superiores, ou a missão, ou as estratégias, mas porque seremos confortados pela Palavra. O profeta Jeremias confessou: «a tua palavra é a minha alegria, e as delícias do meu coração» (15, 16).

A amargura — que não é uma culpa — deve ser aceite. Pode ser uma grande oportunidade. Talvez também seja saudável, porque faz tocar a campainha interior: cuidado, confundiste segurança com aliança, estás a tornar-te «homem sem inteligência e lento de espírito». Há uma tristeza que nos pode levar a Deus. Acolhamo-la, não nos zanguemos connosco. Isto pode ser bom. São Francisco de Assis também o experimentou, recorda-nos isto no seu *Testamento* (cf. *Fonti Francescane*, 110). A amargura transformar-se-á numa grande doçura, e as doçuras fáceis, mundanas, transformar-se-ão em amarguras.

Segunda causa de amargura: problemas com o Bispo

Não quero cair na retórica nem procurar o bode expiatório, nem quero defender-me ou defender aqueles que estão na minha esfera. O cliché que encontra nos superiores a culpa de tudo deixou de ser válido. Estamos todos em falta nas coisas pequenas e grandes. Hoje parece que respiramos uma atmosfera geral (não só entre nós) de mediocridade difundida, que não nos permite cair em julgamentos fáceis. Mas a realidade é que muita amargura na vida do sacerdote é causada pelas omissões dos Pastores.

Todos experimentamos as nossas limitações e deficiências. Enfrentamos situações em que nos damos conta de que não estamos adequadamente preparados... Mas à medida que progredimos nos serviços e ministérios com maior visibilidade, as deficiências tornam-se mais evidentes e clamorosas; e é também consequência lógica nesta relação que muito está em jogo, no bem e no mal. Que omissões? Não aludimos aqui às diferenças, muitas vezes inevitáveis, sobre problemas de gestão ou estilos pastorais. Isto é tolerável e faz parte da vida nesta terra. Enquanto Cristo não for tudo em todos, todos procurarão impor-se a todos! É o Adão decaído em nós que nos prega estas partidas.

O verdadeiro problema que amargura não são as divergências (e talvez nem sequer os erros: até um bispo tem o direito de errar como todas as criaturas!), mas sim duas razões muito sérias e

desestabilizadoras para os sacerdotes.

Antes de tudo, uma certa deriva autoritária *suave*: não aceitamos aqueles entre nós que pensam de forma diferente. Por uma palavra é-se transferido para a categoria daqueles que remam contra, por uma “distinção” é-se inserido entre os insatisfeitos. A *parrésia* é enterrada pelo afã de impor projetos. O culto das iniciativas vai-se substituindo ao essencial: uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos. A adesão às iniciativas corre o risco de se tornar a bitola da comunhão. Mas nem sempre coincide com a unanimidade de opinião. Também não se pode esperar que a comunhão seja exclusivamente unidirecional: os sacerdotes devem estar em comunhão com o bispo... e os bispos em comunhão com os sacerdotes: não é um problema de democracia, mas de paternidade.

São Bento na *Regra* — estamos no célebre Capítulo III — recomenda que o abade, diante de uma questão importante, consulte toda a comunidade, incluindo os mais jovens. Em seguida, ele reitera que a decisão final cabe apenas ao abade, que tudo deve ser organizado com *prudência* e *equidade*. Para Bento a autoridade não está em questão, pelo contrário, é o abade que responde diante de Deus pelo funcionamento do mosteiro; no entanto, diz-se que ao decidir ele deve ser “prudente e justo”. Conhecemos bem a primeira palavra: prudência e discernimento fazem parte do vocabulário comum.

Menos habitual é a “equidade”: equidade significa ter em conta a opinião de todos e salvaguardar a representatividade do rebanho, sem ter preferências. A grande tentação do pastor é rodear-se dos “seus”, dos “vizinhos”; e assim, infelizmente, a verdadeira competência é suplantada por uma certa lealdade presumida, sem distinguir entre aqueles que agradam e aqueles que aconselham de forma desinteressada. Isto faz o rebanho sofrer muito, que muitas vezes aceita sem se manifestar. O Código de Direito Canónico recorda que os fiéis «têm o direito, e por vezes até o dever, de manifestar aos Pastores sagrados o seu pensamento sobre o bem da Igreja» (cân. 212 § 3). Certamente, neste tempo de precariedade e fragilidade generalizada, a solução parece ser o autoritarismo (na esfera política, isto é evidente). Mas o verdadeiro cuidado — como aconselha São Bento — consiste na equidade, não na uniformidade^[1].

Terceira causa de amargura: problemas entre nós

O presbítero nos últimos anos tem sofrido os golpes de escândalos, financeiros e sexuais. A suspeita tornou drasticamente as relações mais frias e formais; já não se desfruta dos dons dos outros; pelo contrário, destruir, minimizar, fazer surgir suspeitas parece que se tornou uma missão. Diante dos escândalos, o maligno tenta-nos levando-nos a uma visão “donatista” da Igreja: dentro os impecáveis, fora quem comete erros! Temos falsas concepções da Igreja militante, numa espécie de puritanismo eclesiológico. A Esposa de Cristo é e continua a ser o campo no qual crescem até à parusia trigo e joio. Quem não faz sua esta visão evangélica da realidade expõe-se a amarguras indescritíveis e inúteis.

No entanto, os pecados públicos e divulgados do clero tornaram todos mais cautelosos e menos dispostos a forjar laços significativos, especialmente no que diz respeito à partilha da fé. Há uma multiplicação de compromissos comuns — formação permanente e outros — mas participa-se com um coração menos disposto. Há mais “comunidade”, mas menos comunhão! A pergunta que nos fazemos quando encontramos um novo irmão emerge silenciosamente: “quem é que eu tenho realmente à minha frente? Posso confiar nele?”.

Não se trata de solidão: ela não é um problema, mas um aspecto do mistério da comunhão. A solidão cristã — a de quem entra no seu quarto e reza ao Pai no segredo — é uma bênção, o verdadeiro brotar do acolhimento amoroso do outro. O verdadeiro problema é não encontrar mais tempo para ficar sozinho. Sem solidão não há amor gratuito, e os outros tornam-se um substituto dos vazios. Neste sentido, como sacerdotes, devemos sempre reaprender a estar sozinhos “evangelicamente”, como Jesus de noite com o Pai.^[2]

Aqui o drama é o isolamento, que é algo mais do que a solidão. Um isolamento não só e não tanto exterior — estamos sempre circundados por pessoas — quanto inerente à alma do sacerdote. Começo com o isolamento mais profundo e depois abordo a sua forma mais visível.

Isolados em relação à graça: atingidos pelo secularismo já não acreditamos nem sentimos que estamos rodeados de amigos celestiais — o «grande número de testemunhas» (cf. *Hb* 12, 1) —; parece-nos que experimentamos que as nossas vicissitudes, as aflições, não comovem ninguém. Para nós, o mundo da graça tornou-se gradualmente alheio, os santos parecem-nos apenas os “amigos imaginários” das crianças. O Espírito que habita o coração — essencialmente e não na figura — é algo que talvez nunca tenhamos experimentado por dissipação ou negligência. Conhecemos, mas não “tocamos”. A distância do poder da graça produz racionalismos ou sentimentalismos. Nunca carne remida.

Isolar-se da história: tudo parece ser consumido no *aqui e agora*, sem esperança nos bens prometidos e na recompensa futura. Tudo se abre e se fecha connosco. A minha morte não é a passagem do testemunho, mas uma interrupção injusta. Quanto mais nos sentirmos especiais, poderosos, ricos em dons, mais o nosso coração se fecha ao sentido contínuo da história do povo de Deus a quem pertencemos. A nossa consciência individualizada faz-nos acreditar que não havia nada antes e nada haverá depois. É por isso que temos tanta dificuldade em cuidar e preservar o que o nosso predecessor começou tão bem: muitas vezes chegamos à paróquia e sentimo-nos obrigados a fazer uma tábua *rasa*, para nos distinguirmos e marcarmos a diferença. Somos incapazes de *continuar a viver* o bem que não fizemos nascer! Começamos de zero porque não sentimos o gosto de pertencer a um caminho comunitário de salvação.

Isolados em relação aos outros: o isolamento em relação à graça e à história é uma das causas da nossa incapacidade de estabelecer relações significativas de confiança e de partilha evangélica. Se estou isolado, os meus problemas parecem únicos e intransponíveis: ninguém me

pode entender. Este é um dos pensamentos preferidos pelo pai da mentira. Recordemos as palavras de Bernanos: «Só depois de muito tempo é que o reconhecemos, e como é doce a tristeza que o anuncia, que o precede! É o mais substancioso dos elixires do diabo, a sua ambrosia!».[3] Um pensamento que pouco a pouco ganha forma e nos fecha em nós mesmos, nos afasta dos outros e nos coloca numa posição de superioridade. Porque ninguém estaria à altura das exigências. Acho que é apenas um pensamento que, por se repetir, se esconde em nós. «Aquele que dissimula as suas faltas, não prosperará; mas quem as confessa e se emenda terá misericórdia» (Pr 28, 13).

O diabo não quer que fales, que contes, que partilhes. Então procura um bom padre espiritual, um idoso “sagaz” que te possa acompanhar. Nunca te isoles, nunca! O sentimento profundo de comunhão só vem quando, pessoalmente, tomo consciência do “nós” que sou, que fui e que serei. Caso contrário, os outros problemas surgem em cascata: do isolamento, de uma comunidade sem comunhão, nasce a competição e certamente não a cooperação; nasce o desejo de reconhecimento e não a alegria da santidade partilhada; entra-se numa relação ou para se comparar ou para se apoiar.

Lembramos o povo de Israel quando, caminhando no deserto por três dias, chegou a Mara, mas não pôde beber a água porque era amarga. Diante do protesto do povo, Moisés invocou o Senhor e a água tornou-se doce (cf. Êx 15, 22-25). O povo santo e fiel de Deus conhece-nos melhor do que ninguém. É muito respeitador e sabe acompanhar e cuidar dos seus pastores. Ele conhece as nossas amarguras e também reza ao Senhor por nós. Acrescentemos às suas orações as nossas e peçamos ao Senhor que transforme as nossas amarguras em água doce para o Seu povo. Peçamos ao Senhor que nos conceda a capacidade de reconhecer o que nos amargura e assim deixarmo-nos transformar e sermos pessoas reconciliadas que reconciliam, pacificadas que pacificam, cheias de esperança que infundem esperança. O povo de Deus espera que sejamos mestres de espírito, capazes de indicar os poços de água doce no meio do deserto.

[1] Um segundo motivo de amargura vem de uma “perda” no ministério dos pastores: sufocados por problemas de gestão e emergências de pessoal, arriscamos de negligenciar o *munus docendi*. O bispo é o mestre da fé, da ortodoxia e da “ortopatia”, do reto crer e do reto sentir no Espírito Santo. Na ordenação episcopal, a epiclese é rezada com o Livro do Evangelho aberto sobre a cabeça do candidato e a imposição da mitra reafirma exteriormente o *munus* de transmitir não crenças pessoais, mas sabedoria evangélica. Quem é o catequista daquele discípulo permanente que é o sacerdote? O bispo, é claro! Mas quem se lembra? Poder-se-ia argumentar que os sacerdotes normalmente não querem ser instruídos pelos bispos. E é verdade. Mas isso — mesmo que assim fosse — não é motivo para renunciar do *munus*. O povo santo de Deus tem o direito de ter sacerdotes que os ensinem a crer; e diáconos e presbíteros têm o direito de ter um bispo que, por sua vez, os ensine a crer e esperar no Único Mestre, Caminho, Verdade e Vida,

que inflama a sua fé. Como padre, não quero que o bispo me agrade, mas que me ajude a acreditar. Quem me dera poder encontrar nele a minha esperança teológica! Por vezes reduz-se a seguir apenas os irmãos em crise (o que é bom), mas até os “jumentos saudáveis” precisariam de uma escuta mais focalizada, serena e fora das emergências. Aqui está, então, uma segunda omissão que pode causar amargura: a renúncia ao *munus docendi* para com os sacerdotes (e não só). Pastores autoritários que perderam a autoridade para ensinar?

[2] É uma meia solidão — digamos sinceramente — porque é a solidão do pastor que está cheio de nomes, rostos, situações, do pastor que chega à noite cansado para falar com o seu Senhor sobre todas estas pessoas. A solidão do pastor é uma solidão habitada pelo riso e pelas lágrimas das pessoas e da comunidade; é uma solidão com rostos para oferecer ao Senhor. [3] Diário de um cura de campo, Milão 2017, 103.